

CRÍTICA FILME | EXTERMÍNIO: O TEMPLO DOS OSSOS

POR RODRIGO FONSECA



Miya Mizuno/Divulgação

Fome dos diabos
por redenção

Na gira de Ralph Fiennes, o Dr. Kelson do novo Extermínio, o sangrento 'O Templo dos Ossos', faz o Eddie do Iron Maiden parecer um bom moço

A pesar do preconceito histórico na associação entre os acordes do metal e o satanismo, o uso de Iron Maiden em “Extermínio: O Templo dos Ossos”, na sequência em que todos os diabos lá do quinto dos infernos “encostam” no Dr. Kelson (um mefistofélico Ralph Fiennes), periga ser o emprego mais dionisíaco do rock’n’roll no cinema de autor em

anos. E olha que de Michael Haneke a Bryan Singer, passando por Scorsese, muitas foram as vozes inquietas que embalaram suas experimentações em acordes roqueiros.

A realizadora Nia DaCosta, recém-saída de um drama queer austero (“Hedda”), alcançou um simbolismo singular (leia-se “melancólico”) ao transitar pelo ritmo musical dos demônios em seu regresso ao terror, originalmente chamado “28 Years Later: The Bone

Temple”. Tudo o que ela pesquisou em seu “A Lenda de Candyman” (2021), operando por um trilho de terror decolonial (tipo “Corra!”), adequa-se à reflexão sobre resquícios do que um dia se chamou de “civilização”, a partir de um roteiro de Alex Garland.

O escritor de “A Praia”, consagrado como cineasta depois de “Ex Machina” (2015) e de “Guerra Civil”, de 2024 (com Wagner Moura), abriu a franquia “Extermínio” em

2002, numa dobradinha com seu sazonal parceiro de trabalho, o diretor inglês Danny Boyle (de “Quem Quer Ser Um Milionário?”), entregando ao cinema, por módicos tostões para parâmetros de estúdios hollywoodianos (US\$ 8 milhões), uma recauchutagem da fórmula do filão zumbi. Seus mortos que andam (e atacam) são vítimas de uma doença que os apodrece, torna-os famélicos e levam-nos a morder pessoas saudáveis. É tudo o que George A.

Romero (1940-2017), bamba dessa linha horrorífica, criou e refinou a partir dos anos 1960, com “Night Of The Living Dead” (1968). O diferencial de Garland era sua pinelada contracultural (personalíssima) de abrir discussões sobre células fascistas em meio a um pesadelo que o mundo encara de olhos abertos. Com esse traço pessoal, “28 Days Later”, como dito, custou menos de US\$ 10 milhões e faturou US\$ 82 milhões. Em 2025, Boyle e Garland resolveram retomar a cinefobia, com “Extermínio: A Evolução” (“28 Years Later”), que teve um custo mais salgadinho (US\$ 60 milhões), contudo arrecadou bonito (US\$ 150 milhões). Se dá lucro... rende sequências. Daí “O Templo dos Ossos”. A sacada de Nia nessa parte três exasperante foi expandir a dramaturgia de Garland sem usar a linguagem de Boyle, buscando o seu específico artístico - a reflexão sobre redenção, aplicada a um contexto de maldade crua e nua - naquele universo. Separa mal de Mal (ou seja, o mal perpetrado por humanos do mal mítico... e místico) mostrando a predisposição da Humanidade em segregar e causar dor para afirmar poder (o tema de Garland por essência). Escanteia a porção zumbi e gruda na figura de Kelson, médico que testemunhou a ruína da Terra, perdeu sua amada, mas preservou seus LPs.

Com a ajuda de Fiennes, Nia heroiciza Kelson até o limite do realismo, aparando as arestas de um personagem talhado para ser coadjuvante. Sua relação com o zumbi Sansão (Chi Lewis-Parry) modula sua empatia num filme de montagem nevrálgica, de final avassalador. Uma joia.

CRÍTICA FILME | HAMNET

POR RODRIGO FONSECA

Ser ou não ser
tolerante

Montado com precisão helvética pelo paulistano Affonso Gonçalves, “Hamnet: A Vida Antes De Hamlet” se enquadra no módulo empático com que a chinesa radicada nos EUA Chloé Zhao vê a acomodação de feridas, erigido por ela tanto em expressões intimistas como “Domando o Destino” (2017) quanto na superprodução pop “Eternos” (2021), um dos mais inspirados filmes da Marvel. A maneira com que ela analisa pes-

soas alquebradas pela vida (e quase sempre abandonadas) é empregada na reconstituição da Inglaterra de 1580.

Lá ela encontra a história de um descarte... sentimental... ao saber da ambição por sucesso e consagração do professor de latim sem dinheiro Will, cujo sobrenome é Shakespeare. O papel é do irregular Paul Mescal. O salto que ele vai dar na vida depende de Agnes, a razão de ser do re-



Divulgação

Agnes e Will antes de se abrirem as feridas de ‘Hamnet’

lato que Chloé partilha com a plateia, transformado em longa a partir de um orçamento de US\$

30 milhões, apoiado por Steven Spielberg. De espírito livre, Agnes é capaz de abraçar o mundo com seu ardor, bem traduzido na atuação demolidora de Jessie Buckley (corada com o Globo de Ouro no

último domingo).

Fascinados um pelo outro, os dois iniciam um romance apaixonado, acabando por se casar e ter três filhos. Enquanto Will tenta a sorte como dramaturgo em Londres, Agnes assume sozinha todas as responsabilidades domésticas. Quando uma tragédia acontece, o vínculo do casal, antes profundamente unido, começa a vacilar. No entanto, é a partir das dificuldades compartilhadas que nasce a inspiração para uma obra-prima do teatro. Nasce também um filme de muita quietude, que exaspera ao expor modos de lidar com feridas incuráveis. É como “Nomadland” (2020), que deu o Oscar e o Leão de Ouro a Chloé, mas num pretérito das narrativas ocidentais.